

16

ÁS VALOROSAS TROPAS

PORTUGUEZAS

NA SUA TRIUNFANTE REVERSÃO A' CAPITAL,

156

O Juiz do Povo em nome dos honrados Habitantes de Lisboa:

S.

Illustres Guerreiros, nenhuns defensores da Patria, nenhuns vencedores de inimigos, merecêrão até agora como vós mereceis, as honras do Triunfo! Vós as conseguis, e ainda que ao vosso nome immortal se não levantem aquelles monumentos, que vão assombrar a Posteridade nos Arcos, e nas Pyramides que ainda subsistem nas Praças de Roma, vós tendes outrós testemunhos do amor, e da consideração da Patria muito mais nobres, e preciosos; as benções de todos, aquellas lagrimas de consolação, e de alegria, que são as verdadeiras expressões do nosso sublime Patriotismo. E quem pôde conter, ou refrear estas exalações de reconhecimento, e admiração, quando vos contempla carregados de Palmas, e de Louros, trazendo para demonstração da paz que nos conseguistes, não com fantasticos, mas verdadeiros triunfos de que não ha exemplo, nem o haverá talvez na Terra, o ramo da pacifica Oliveira? São estes, dissemos

nós, aquelles assombrosos Portuguezes, que excitados com o clamor da Liberdade, unidos com a força da Disciplina, lembrados das antigas proezas de seus Avoengos, indignados á vista do intentado jugo estranho, acudirão ás armas, e de batalha em batalha, de victoria em victoria, repellirão o formidavel poder do aviltado, e confundido Despota; são estes os que não contentes de salvar a Patria com braço invicto, fôrão levar, e fazer ondear nos ares as gloriosas Quinas Portuguezas até ao mesmo Foco da Tyrannia, e do Despotismo; são estes, os que não pararão jámais, não se suspenderão, não fizerão voltar atrás suas Bandeiras, sem deixar a Europa assombrada, a França livre, as outras Nações animadas com o seu exemplo. São estes os que dando ao mundo o mais illustre testemunho de valor, e de fidelidade, mostrarão que ainda erão aquelles mesmos que toda a Azia vio vencedores, toda a Africa Senhores, toda a America Arbitros e dominadores; são estes os que, poucos em numero, mas grandes, e maiores que os outros em coração, e intrepidez, fizerão com suas immórtaes façanhas conhecer, e confessar aos maiores Generaes da Europa, que o soldado Portuguez não tem similhante senão em outro soldado Portuguez. Se a firmeza distingue os Guerreiros da Grã-Bretanha, se o furor, e o impeto exalta o soldado Moscovita, a disciplina o guerreiro Prussiano, o denôdo o Sueço, a or-

dem o Alemão , a rapidez e o fogo os soldados da França ; todas estas qualidades se admirão , por que realmente se encontrão , em os campeões Lusitanos. A Historia que offerecer os monumentos desta guerra á mais remota Posteridade , vos representará rapidos nas marchas , immoveis nos postos , fozos nos ataques , intrepidos nos assaltos , unidos nos conflictos , doces na disciplina , obedientes ao commando , infatigaveis nas emprezas , soffredores nas privações , e para resumir tudo , dirá , — Pelejarão os Portuguezes. — Sim Guerreiros illustres , eu em nome do Povo fidelissimo da Capital não vos lisongeio , eu dou hum testemunho á verdade : em quanto houver hum Portuguez haverá hum exercito. Eis-aqui porque vossos pais vencêrão a batalha de Aljubarrota , eis o motivo do triumpho alcançado no Ameixial , e nos Atoleiros ; eis-aqui porque se forçárão , e fizerão levantar as formidaveis Linhas de Elvas ; eis-aqui porque no espantoso conflicto de Montes Claros se anniquilou de hum só golpe o immenso poder da Hespanha ; eis-aqui porque se segurou a Coroa na Cabeça do maior dos Monarcas D. João I. ; eis-aqui porque se entregou o Solio a seu Legitimo Possuidor D. João IV. Eis-aqui (sabindo dos nossos limites Europeos) porque se levou Ceuta de hum golpe , e em hum só dia : porque o Scipião Portuguez , Afonso V. , escalou Arzila , abateo os muros de Tangere , assustou Marrocos , humilhou Tectnao.

Eis-aqui porque a Asia dobrou a cerviz por mais de dois seculos ao jugo Lusitano. Não viverão então só, vivem ainda hoje, (e vós o mostraes ao Mundo atonito) os Albuquerque, os Pachecos, e os Almeidas: vós combatestes inimigos tão formidaveis como elles combatêrão. O Povo da Capital vos reconhece seus defensores, e em vós contempla cheio de assombro duas grandes maravilhas; a primeira, o exemplo que déstes a todas as Nações da Europa, mostrando-lhes que era possível arrojarse o jugo do abatido Tyranno, quando o valor he animado pelo sincero amor da Patria; a segunda, mostrardes ao Mundo que nunca se poderá impunemente insultar o nome Portuguez, nem profanar seu sagrado, e sempre defendido territorio. Se tantas Nações poderosas se armáram contra o Oppressor público, se marcháram, e triunfáram, se para ellas não foi barreira intransgredivel o Rheno, vós vos podeis persuadir que se animáram com este pensamento: — Se os Portuguezes sendo poucos podem tanto, porque não poderemos nós tambem? Elles libertáram a sua Patria, nós a podemos libertar tambem. Elles passáram o Bidassoa, franqueáram as gargantas dos Pyrenneos, cortáram o Adour, penetráram a França, á róda da qual tinha a opinião levantado hum muro de bronze; derrotáram no coração deste temido Imperio as cohortes que se chamavão invenciveis; nós podemos dividir as aguas do Rheno, e levar a destruição, e a morte, e depois a victo-

ria, e a paz até ao centro da orgulhosa Capital da França. — Vós, illustres Guerreiros, sempre tereis a gloria de haver dado o primeiro exemplo da liberdade; d'entre vós rompeo a primeira faisca que ateou o vasto incendio que fez depois tão gloriosamente a independencia do Mundo. Se estranhos Chefes vos commandarão, assim o quiz a Providencia; e quem poderia reprimir o vosso fogo, moderar, como he justo, com a prudencia militar aquelle impeto com que se escalarão as muralhas de Ormuz, e os Baluartes de Maláca? Sem vossa intrepidez, assim moderada, e dirigida, não se entrarião as bréxas de Badajoz, e de Rodrigo, nem veria a Hespanha cheia de assombro, e emulação o terrivel assalto de São Sebastião; e sem vossa infatigavel constancia, nunca sobre as Torres de Bordeaux se arvorarião as Bandeiras dos Lirios; nem a Inveja vos poderá roubar esta gloria, nem o Tempo com suas sombrias azas offuscará seu resplendor. Vós tornaes depois de tão honradas fadigas, depois de tão memoraveis feitos, depois de tão consecutivas victorias ao seio desta Capital, donde sahistes já com o presagio da victoria expresso em vosso semblante, e vede que gozais do maior premio, a que vossa alma generosa podia aspirar — a estima publica. — A Patria sempre vos chamará seus filhos benemeritos: nós aprenderemos em vossas gloriosas, e honradissimas cicatrizes a amar hum Reino, e a obe-

decer respeitosa e a hum Throno, que foi restaurado com tão grande preço. As gerações futuras vos abençoarão, como nós vos abençoamos agora; a época em que existimos sempre lembrará, e quando os olhos da Posteridade se fixarem no terrível quadro de oppressão, e cativo, em que a malicia, e a perfidia nos teve, também conhecerá, que a Providencia vos escolheu para instrumentos da nossa felicidade, e nada mais será preciso para fazer o vosso nome immortal; assim como agora dissemos, vendo-vos entrar triunfantes pelas ruas desta Capital: Eis-aqui os Successores daquelles Guerreiros, que forão conquistar a Asia: também a Posteridade dirá, vendo os nossos futuros Exercitos: Eis-aqui os Successores daquelles que salvarão Portugal, libertarão a Hespanha, invadirão a França. Em Portugal firmarão o Throno do seu Principe; na Hespanha defendêrão, e segurarão o solio de Fernando; em França abrirão o primeiro passo para o restabelecimento, e para a gloria do Throno de S. Luiz. Isto mesmo reconhecerá em vós o nosso Augusto Soberano. A sua Real presença, faria, he verdade, a vossa triumphal entrada ainda mais gloriosa; mas esperai tudo; hum sorriso seu, huma inclinação de sua magestosa cabeça, será para vós hum louro immortal; lembrai-vos, que elle he o Successor daquelle Manoel o Senhor da Africa, e da Asia, que recebo, e levou a sua mão direita debaixo de hum Palio a Duarte

Pacheco Pereira, quando desembarcou nas praias do Têjo, carregado com os trofeos do Oriente, descoberto e conquistado; que elle he o Succesor daquelle Magnanimo Sebastião, que acompanhára a pé até a Cathedral de Lisboa o grande D. Luiz de Ataide, quando aos pés de seu Throno veio offerecer os despojos dos mais poderosos Soberanos da Asia, vencidos e submettidos ao Imperio Portuguez. Não avultão menos os serviços que acabaes de fazer á Patria; salva-la ainda he mais que dilatar-lhe as conquistas; e as falanges do Tyranno da França ainda erão mais agueridas que os Exercitos do Hidalção. Esperai tudo da grandeza do Monarca a quem servis, e sem que se affrouxe o vosso Marcial espirito, gozareis no seio da Paz dos fructos da victoria. Acolhei os votos sinceros de hum Povo qual he o da Capital, que vos conhece, e que animado do mesmo espirito que vos anima, isto he, do mesmo amor da Patria, imitava, e seguia o vosso exemplo, alistando-se voluntario, exercitando-se na disciplina, apromptando-se para vos acompanhar, se o grito da liberdade, e da defenza soasse em seus ouvidos. Este Povo, fiel em sua conducta, igual em seu character, generoso em seus sacrificios, vos abraça, e se empenha em transmittir a seus ultimos netos a memoria do vosso heroico valor, das vossas assignaladas victorias, dos vossos inclitos, e extraordinarios triunfos. Desembainhastes, como Portuguezes a espada, como Por-

tuguezes a embainhais. O valor foi o motivo da primeira acção, e a honra corôa o vosso ultimo passo. Vós fostes animados por hum Governo verdadeiramente Sábio, que dirige suas acções pelas luzes da moderação, e da sapiencia, vos mereceis a approvação de hum Ministro da Guerra, cujos ascendentes erão já grandes antes que Portugal começasse a ser Reino; e que animado pelo amor da Patria, e do Throno tem sabido conciliar com huma dexteridade de que não ha exemplo, nas circumstancias mais difficeis, os objectos mais encontrados, e oppostos.

Todos vos louvão, eis-aqui o vosso premio. E eu, interprete dos sentimentos do Povo, com elle clamo, que — Vivais — para assombro do Mundo, para esteio do Throno, para gloria da Patria, para terror dos inimigos, para honra da Nação, e para o mais glorioso monumento dos Annaes Lusitanos.

(Assignado) *O Juiz do Povo,*

Antonio Joaquim Mendes.

LISBOA. NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1814.

Com licença.